

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 59 — Domingo, 25 de Julho de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

À VENDA NAS LIVRARIAS

LÁGRIMAS

sonetos por

MARIA DAS DORES D. RAMIREZ

(PENÉLOPE)

AVENÇA

TRÊS ANOS DE SUPREMA DIGNIDADE

SÃO passados três anos sobre o luminoso dia em que o General Francisco Higinio Craveiro Lopes ascendeu à prestigiosa sucessão do Marechal Carmona. Membro duma galeria nobilíssima de oficiais generais, que em mais dum século dignificaram o nome da família, Craveiro Lopes, o actual Chefe do Estado, confirmou, em três anos de supremo mandato, as esperanças que a Nação colocara nas suas virtudes familiares e nas suas qualidades de alto militar.

Três anos rolaram na atormentada vida do mundo contemporâneo, sacudido pelos sobressaltos e pelas incógnitas duma paz pariclitante e confusa. E, no meio de tanta incoerência política, dum mundo contraditório, Portugal pôde registar três anos de trabalho sereno e de progresso intenso, fiel aos seus compromissos internacionais e ordeiro dentro de sua casa.

Perante o Presidente Craveiro Lopes desfilarão as maiores individualidades do Ocidente: as altas re-

presentações à reunião do Pacto do Atlântico em 1952, os generalíssimos Ridgway e Grunther, o Cardeal Tedeschini, e tantas outras preponderantes figuras do nosso tempo.

Foram apoteóticas, duma franqueza integral, as manifestações ao General Craveiro Lopes por ocasião da

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A CAMINHO DE SAGRES AMIGOS

DO PRÍNCIPE RUSSO

Por MARCOS ALGARVE

III

DEPOIS do meu regresso do Congo, fixei-me definitivamente em Portimão. Diferentes oportunidades se me ofereceram para contemplar Sagres, de terra.

Nunca as quis aproveitar. A estrada para lá era péssima e um estirão a cavalo não me agradava.

Levei anos assim. A estrada foi reparada, concluída e passou então a ser o Cabo de S. Vicente mais visitado.

Domingos Júdice Guerreiro, rapaz janota, abastado e amigo, convidou, em meados de Maio de 1919, três pessoas das suas relações para um passeio a Sagres. Aceitaram. Esses

LITERATURA NACIONAL E LITERATURA UNIVERSAL

Por N. RODRIGUES PENA

UM dos imperativos fundamentais da crítica é, sem dúvida, procurar esclarecer o público, analisar com agudeza e penetração o objectivo criticado, numa palavra, criticar é julgar. Por isso, a crítica tem de ser ministrada duma maneira prudente, clara, de forma a não permitir dúvidas, a evitar possíveis e desastrosas confusões.

A crítica do Sr. João A. Mendes Leal, inserta no n.º 56 do No-

ticias do Algarve, quanto a nós, enferma de alguns defeitos graves, sendo o maior a confusão que certamente conduz muitos dos leitores a uma interpretação errada do nosso movimento intelectual. Claro, desconhecendo eu o livro da D. Celeste Andrade, não sabendo, portanto, se a obra possui ou não méritos, apenas me deterei nas generalidades que o Sr. Mendes Leal escreveu nessa crítica.

Eu não concebo uma literatura de interesse universal sem um conteúdo nacional, despida das características típicas que formam um povo, das qualidades e defeitos desse povo. Obras nacionais, e ao mesmo tempo universais, são as obras dum Balzac, dum Tolstoi, dum Dickens, dum Silone. Ora, as características dum povo, duma classe, dum indivíduo, encon-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Dr. Alberto Iria

O nosso ilustre comprovinciano, sr. dr. Alberto Iria, director do Arquivo Histórico Ultramarino, que presentemente se encontra em missão oficial no Brasil, foi requisitado para prestar serviço na Presidência do Conselho.

MAIS UM DEPOIMENTO SOBRE O MUSEU DE ARTISTAS ESCRITORES E POETAS ALGARVIOS

Por J. MIMOSO BARRETO

O BRILHANTE escritor e jornalista, Julião Quintinha, cujo algarvismo lhe tem inspirado numerosas páginas de interesse palpante, espalhadas por vários periódicos — as quais, reunidas em volume, constituiriam um manual de sugestões sérias, merecedoras da melhor atenção por parte das entidades oficiais — acaba de publicar, em «Noticias do Algarve», datado de 20 de Junho, um notável artigo sobre a necessidade de se criar, em Faro, «Um museu de artistas, escritores e poetas algarvios».

De tão habituados que estamos à seriedade e ao valor das sugestões com as quais Julião Quintinha frequentemente brinda, neste ou naquele jornal, os seus comprovincianos (que merecidamente o admiram e o respeitam) e tão rica é e tão bem documentada se nos apresenta a proposta de agora, que quase nos dispensamos de reflectir a sobre a sua aceitabilidade.

O cronista consagrado de «A derrocada do Império Vátua e Mousinho de Albuquerque», obra-prima da Literatura Ultramarina portuguesa, em cujas páginas palpita um amor ardente por Portugal e se faz a defesa dos nossos direitos em África, é, também, uma sentinela das mais vigilantes com que o Algarve conta.

Temos tido o gosto e a honra de acompanhar, bem de perto, na Comissão Cultural da Casa do Algarve, a sua profícua actividade em prol da província algarvia; e é-nos bastante grato recordar, a

título exemplificativo, que pertence a Julião Quintinha o projecto de uma série de conferências que nessa Casa e fora dela se realizaram com o fim de preparar o ambiente a favor da construção, em Sagres, do monumento que, final-

mente, ali vai ser erigido, a expensas do Governo, à memória do Infante D. Henrique.

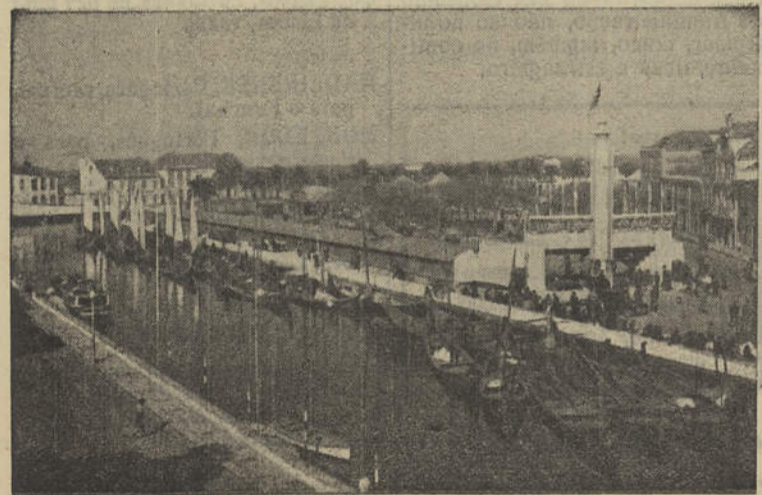
Acaba Julião Quintinha de sugerir a criação de um museu, no qual deverão reunir-se as obras

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

UMA TARTARUGA GIGANTE

NO passado dia 19, a leste da barra da Guadiana, foi pescada pela traineira «Raulito» uma tartaruga gigante, com 1^m, 80 de comprimento e o peso de 280 quilos.

Este espécime, pouco vulgar nestas paragens, foi vendido por 135\$00.



AVEIRO

PRESTES A COMEMORAR O SEU MILENÁRIO ENCONTRA-SE NUMA FASE

DE FRANCA PROSPERIDADE

MERCÊ de um conjunto de circunstâncias, entre as quais se deve salientar a acção municipal, quer nas realizações, quer pelo estímulo, Aveiro tem tomado nos últimos anos um aspecto flagrantemente mais agradável e acolhedor. A cidade desenvolveu-se, aumentou consideravelmente de população, está mais asseada e bela, progrediu industrial e comercialmente, registou uma intensificação de movimento. Todos os visitantes — e de ano para ano é

mais avultado o seu número — o notam com agrado e o manifestam nas expressões mais lisongeiros.

Tem hoje água em abundância — e, paradoxalmente, ela faltou até há uma década numa terra sulcada de canais —, bons arruamentos, na generalidade ladeados de passeios pavimentados a xadrês preto e branco, jardins cuidados e floridos, casas de espectáculos que rivalizam com as melhores do país, edifícios públicos e particulares de excelente

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

“FOLHA DO DOMINGO”

O nosso prezado colega «Folha do Domingo», de Faro, comemorou, com o número de 18 do corrente, o seu 40.º aniversário.

Apresenta-se valorizado no seu aspecto gráfico, com novas secções e mais elevado número de colaboradores. Salientamos o editorial da autoria do sr. Bispo-Coadjutor do Algarve, D. Frei Francisco Rendeiro.

Desejando à «Folha do Domingo» muito mais longa vida e as maiores prosperidades, enviamos ao seu ilustre director, Rev. Padre Carlos Patrício e ao seu administrador e proprietário Rev. Padre José Gomes da Encarnação, e a todos quantos nele trabalham, cordiais cumprimentos de felicitações.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

PELO DR. CRUZ MALPIQUE

GUISALHADA SONORA

HÁ poesia que não passa de guisalhada sonora, estupeficiente dos ouvidos, ritmo e só ritmo, sem vida interior, sem a angústia de cruciantes problemas, sem pensamento comovido, sem emoção pensada. C'est de la musique et de la musique toujours.

«Será, na verdade, autêntica poesia a pura sonorização mais ou menos melódica? Não é. É prolixidade de ritmos para disfarçar penúria de vida interior».

COM, E SEM PRESSA

UM grande cirurgião assim falava aos seus alunos: «Um homem com a carótida seccionada pode morrer de hemorragia em três minutos. Os senhores podem fazer parar, em dois minutos, essa hemorragia, se não estiverem com pressa».

A perfeição é inimiga das pressas. O outro, que paulatinamente seguia estrada adiante por seu próprio pé, era convidado por um amigo a subir para o automóvel deste, conduzido a toda a velocidade. «E que respondeu, perante o convite?»

Respondeu negativamente, com o pretexto de que... «tinha pressa».

Com pressa, a hemorragia não seria sustada em três minutos, e o homem morreria. Sem pressa, a hemorragia estaria estancada em dois minutos, e o homem viveria.

Com pressa, faz-se uma obra prolixa, que tanto monta dizer ramalhuda, afogando o essencial no pormenor supérfluo. Sem pressa, faz-se a obra concisa, sem minguas nem sobras, cheia como um ovo, a perfeição.

Com pressa, a gente desce mesmo quando vai subindo. Sem pressa, subimos mesmo quando vamos descendo.

ADÃO DE BARROS

ANDAM para aí uns sujeitos a blasonar dos seus nomes — mais compridos do que permite a força humana. Esses nomes, a puxar à fidalguia, com ramalhudas árvores genealógicas, não passam de manifestações de inchada validade. Por mais que esses tais presumidos armem à importância, no

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)



CONSELHEIRO

SOUSA CARVALHO

O ÚLTIMO fascículo publicado da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», insere, a págs. 846 e 847, a biografia de um nosso ilustre comprovinciano e prezado amigo, o sr. Conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, magistrado distintíssimo que, em todo o Algarve, e em especial nesta região, disfrutava das maiores simpatias e do mais alto prestígio.

Transcrevendo-a nestas colunas, queremos, apenas, prestar ao ilustre algarvio a nossa modesta homenagem.

SOUSA CARVALHO (João Bernardino de), Magistrado, n. em Castro Marim a 25-VII-1890. Tendo ficado órfão muito novo, conseguiu, mercê de assinalado esforço, frequentar primeiro o Liceu de Faro e depois o do Carmo, em Lisboa, este simultaneamente com o Instituto Industrial e Comercial, pois se destinava à carreira aduaneira, a que chegou a concorrer mas cuja nomeação não requereu. Matriculado em 1910 na Universidade de Coimbra, concluiu a sua formação em Direito em 1913, tendo sido dessa forma um dos poucos estudantes que aproveitaram os chamados cursos livres, reduzindo a três os cinco anos da frequência universitária. Exerceu em seguida, durante algum tempo, advocacia em Vila Real de Santo António, em cuja comarca, foi também subdelegado do Procurador da República, indo em 1915 a concurso para delegado e sendo, em Janeiro de 1916, despachado para a Ilha Graciosa (Açores). Em Castro Marim exerceu também as funções de conservador do Regis-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O RISO DA SEMANA



O médico do Manicómio: — E aqui, dol-lhe?

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se nesta vila, de visita ao sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, o sr. D. Luís Romero y Amor, acompanhado de sua esposa, nosso prezado amigo e assinante, residente em Madrid.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Batista Brito, conceituado industrial, residente em Lisboa.

Com sua esposa esteve entre nós, de visita a pessoas de sua família, o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Gonçalves Conceição, Chefe da Estação dos Caminhos de Ferro, em Cuba.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado assinante, sr. António Mariano Pires, residente em Vilarinhos.

Esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso assinante sr. Manuel Caldeira Esteves, residente em Almada de Ouro—Azinhal

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante, em Tânger, sr. Manuel José Dias.

Encontra-se nas Caldas de Monchique a sr.ª D. Maria Emília Machado Correia, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. António Peres Correia.

De visita a seus tios, encontra-se em Loulé, a menina Maria Josefa Machado Correia.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel Domingos, conceituado industrial hoteleiro e concessionário do Hotel Guadiana.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o sr. António Manuel Capa Horta Correia, estudante, filho do nosso prezado amigo e assinante, sr. Dr. António Virgílio Horta Correia.

Também se encontra nesta vila, a passar as suas férias a sr.ª Dr.ª D. Maria das Dores Domingues Medeiros, com seu esposo.

Encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, a sr.ª D. Maria Leonilde Pinheiro Santana e Silva, acompanhada de seu filho.

MAIS UM DEPOIMENTO SOBRE O MUSEU DE ARTISTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dos valores intelectuais nascidos no Algarve, ideia descendente em linha recta de um filho sempre recheado.

Supomos interpretar o pensamento do distinto articulista chamando a atenção para a conveniência de se criar, também no futuro museu, uma secção especial de autores não-algarvios, de forma a que nela tenham lugar figuras como a de Mestre Falcão Trigo, que, não havendo nascido no Algarve, nem por isso deixa de ser um excepcional intérprete das belezas algarvias.

Pensamos que nenhum comproviciano com responsabilidades mentais deve ficar indiferente à lembrança de Julião Quintinha, tendo em vista que são indiscutivelmente elevados os resultados a obter da sua posição em prática.

Homem culto e viajado, que se edificou por suas próprias mãos, e cuja desenvoltura mental faz inveja a tantos diplomas, atestados, cartas de curso e de recomendação, Julião Quintinha documenta a sua hipótese citando, entre outros, os exemplos das Casas de Victor Hugo, Goethe e Durer e dos Museus de Rembrandt e João de Deus, deixando irrefutavelmente provada, com as seguintes palavras, a benesse que resultaria para o Algarve da criação desse museu: «É fácil concluir quanto seria apreciável, como fonte de cultura, um documentário evocativo desta espécie, e o representaria como demonstração da evolução do espírito e pensamento algarvios e seu contributo para a vida intelectual portuguesa».

Não caíram estas palavras em saco rótico, pois foram entusiasticamente secundadas, em dois artigos publicados, igualmente neste estimado jornal, a 27 de Junho e a 4 do corrente, assinados, respectivamente, por Santos Stockler e D. P.; mas falta que as entidades

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

fundos são todos, como confessava um poeta jocoso, filhos de Adão de Barros, Feitos da frágil massa das panelas.

PENSAR E VIVER

PENSAR por pensar, desarticulados da vida, como se fomos puros espiritos, não está bem. Não vivemos para pensar, pensamos para viver, exactamente como comemos para viver, não vivendo para comer. A vida — eis a foz a que todos os nossos actos devem ir sempre desaguar.

TRABALHO

HÁ mendigos que se permitem uma ociosidade que nem os milionários podem ter, e milionários há que se afdigam muitíssimo mais do que os seus criados. Os primeiros dão a impressão de ter nascido para levar vida de ricos, e os segundos vida de pobres. Trabalhamos menos em função do que não temos do que principalmente por um irresistível impulso interior. E, daí, miseráveis que se dão ao luxo de não trabalhar, enquanto certos ricos gostosamente se entregam a uma actividade extenuante.

FUNCIONÁRIOS

HÁ funcionários a que o Estado devia pagar para não ocuparem os seus lugares: lucravam eles (que, para o público, trabalham o menos possível e o pior possível) e lucraria o país. C'est peut-être un blasphème, et je le dis tout bas. Mas, ainda que em voz baixa, importa dizê-lo.

Cruz Malpique

Não sofra mais de HÉRNIA

NÃO USE MAIS A SUA FUNDA

QUE LHE PROVOCA O AUMENTO DAS HERNIAS DEIXANDO-AS ESCAPAR SEMPRE QUE TOSSE, ESPIRRA OU SE MOVIMENTA

FAÇA A SUA VIDA NORMAL USANDO A FUNDA BARRÈRE

DE PARIS

Garantia de contensão perfeita e cómoda das suas hérnias

Aproveite a passagem do Especialista Barrère em:

JULHO

FARO: Farmácia Higiene - DIA 30

PARA ENSAIAR GRATUITAMENTE OS NOVOS MODELOS

Ensalas e catálogos grátis

INSTITUTO BARRÈRE DE PORTUGAL

LISBOA R. Nova da Trindade, 6-1.º

TELEF. 24168

VENDE-SE

CASA, com 8 divisões e quintal, na Rua Dr. José Guimarães, n.º 9.

Informa: Padaria Felizardo.

oficiais digam, também, de sua justiça.

Como achega para a concretização do projecto em discussão, lembramos que uma ou duas salas do vasto edificio do Liceu de Faro poderiam muito bem aproveitar-se, provisoriamente, para começar.

Supomos desnecessário encarecer os proventos advinentes de tal utilização, para a massa de jovens que nesse estabelecimento de ensino contactam, pela primeira vez, com problemas culturais, e nele poderiam, deste modo, intensificar o amor pela sua provincia-mãe, a qual teve, na História, um papel muito maior do que o tempo escolar e a orientação dos programas permite lhes seja ensinado.

Resta-nos acrescentar que, aos nomes já indicados, e bem indicados, para dirigirem a organização do «Museu de Artistas, Escritores e Poetas Algarvios», não pode nem deve deixar de fazer companhia o de Julião Quintinha, já porque o sonho lhe pertence, já porque o seu carinho pelo Algarve, os seus méritos e a natureza das suas obras e projectos literários assim o justificam e reclamam.

J. Mimoso Barreto

UMA CARTA DA REPARTIÇÃO DE TURISMO DO S. N. I.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Transportes do Rio Guadiana, para o transporte de veículos pesados entre Vila Real de Santo António e Ayamonte.

Assim, se é de louvar, a boa vontade revelada pelos dirigentes da citada empresa algarvia com a aquisição de um novo barco para a sua frota, convém não esquecer, que este Secretariado ao invés de se alhear dos problemas turísticos da região como o artigo em causa deixava supor — tem acompanhado de perto as iniciativas locais susceptíveis de contribuir para o progresso do Turismo. Foi a Repartição de Turismo quem, por intermédio do seu funcionário em Vila Real de Santo António, sugeriu à empresa local a referida compra, quando foi informado de que os barcos, empregados na travessia do Tejo em Vila Franca, ficariam amarrados em consequência da construção da nova ponte Marechal Carmona.

De resto, melhor do que o articulista, conhece bem a acção destes serviços em prol do turismo do Algarve a sua Casa Regional instalada em Lisboa e os seus dirigentes.

Antecipadamente grato pela publicação desta carta, aproveito a oportunidade para apresentar a V. os meus cumprimentos.

Lisboa, 14 de Julho de 1954.
A Bem da Nação
O Chefe da Repartição de Turismo
Jorge Felner da Costa

Temos no mais elevado conceito a obra notável que o S. N. I. tem levado a cabo, nas suas actividades, em todo o país, e, muito particularmente, no campo do turismo. E a essas actividades nos temos referido, frequentes vezes, em termos de inteira justiça e decidido louvor — sendo o artigo «A obra do Turismo», do nosso brilhante colaborador, sr. dr. Coelho do Valle, publicado no último número deste jornal, um dos numerosíssimos exemplos que podemos apontar.

Não houve, por consequência, a intenção de afectar, de qualquer modo, o bom nome do nosso organismo oficial de turismo, quando, na notícia que publicamos sobre o trânsito de veículos pesados entre esta Vila e Ayamonte, nos referimos acidentalmente à lamentável ocorrência com uma camionete de turistas alemães. E a carta que acabamos de transcrever, dando-nos conhecimento de que existe nesta vila um Posto do S. N. I., com um funcionário, torna ainda mais justo e oportuno o nosso natural reparo, pois não é crível que a assistência do funcionário referido se limite aos estrangeiros de categoria... que viajam de «Cadillac». Tinhamos, portanto, razão de sobra ao lamentar o sucedido.

Reconhecemos que houve inexactidão ao confundir-se o depósito de vendas da Bertrand com o Posto do S. N. I. Todavia, a confusão explica-se: O depósito de vendas da Bertrand é a única nota de actividade estranha aos serviços normais da C. P. que pode notar quem utilize a Estação local dos caminhos de ferro. Resultados, talvez, de uma actividade extraordinariamente discreta.

Ainda a propósito de inexactidões, convém frisar que qualquer pessoa, por muito bem intencionada que seja, pode cometê-las. E' o que acontece, por exemplo, com a afirmação de que o funcionário em Vila Real de Santo António (a propósito da compra do ferry-boat), sugeriu à Empresa local a referida compra, quando foi informado de que os barcos, empregados na travessia do Tejo em Vila Franca, ficariam amarrados em consequência da construção da nova ponte Marechal Carmona.

Ora, segundo afirmação pe-

remptória dos dirigentes da Empresa do Rio Guadiana, confirmada com a respectiva correspondência, a primeira tentativa para a aquisição de um ferry-boat de maior tonelagem, data de princípios de 1950, em diligências feitas junto do Automóvel Clube de Portugal, directamente, e da Junta Nacional da Marinha Mercante, por intermédio da Capitania do Porto desta vila, ambas infrutíferas.

Após a inauguração da ponte Marechal Carmona, os dirigentes da Empresa deslocaram-se a Vila Franca — Abril de 1952 —, onde iniciaram as primeiras negociações com duas empresas daquela vila, e que vieram a arastar-se até que, em Março do corrente ano, receberam a sugestão do funcionário do Posto local do S. N. I. — quando a transacção estava em vias de efectivar-se, como sucedeu dias depois.

E' o que se chama uma sugestão oportuna...

Isto não obsta, contudo, a que reconheçamos plenamente e que, como algarvios, nos manifestamos agradecidos pela acção que o Secretariado tem desenvolvido em prol do turismo desta provincia, sendo uma dessas manifestações, precisamente, a expressiva diligência efectuada junto do sr. Embaixador de Espanha — conforme, então, noticiamos — para a obtenção de facilidades de que a Empresa de Transportes do Rio Guadiana carece no país vizinho, para que não resultem inúteis os esforços e os capitais despendidos com a aquisição do ferry-boat.

D. P.

EXCURSÃO A FATIMA De 11 a 16 de Maio de 1955

Com o seguinte itinerário: Vila Real de Santo António, Évora, Santarém, Tomar, Barragem do Castelo do Bode, Leiria, Batalha, Alcobaca, Caldas da Rainha, Mafra, Sintra, Lisboa, Setúbal, Ferreira do Alentejo, S. Brás de Alportel e Vila Real de Santo António.

Atendendo ao grande interesse que tem esta excursão, as inscrições terminam impreterivelmente no dia 10 de Agosto próximo.

Organização de: **Maria Carolina Brito Neves** e **Maria Ramos Tenório**

«OS TRANSPORTES»

Em novo formato, acaba de sair o n.º 135 do jornal «Os Transportes», publicação quinzenal de automobilismo, camionagem, caminhos de ferro, aviação, etc., que traz variada colaboração e informações oportunas para os profissionais de transportes públicos.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: **MANUEL DA SILVA DOMINGUES**

Avenida da República — Telefone 12

BALANÇO E CONTAS DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Ascendeu a mais de 38.400 contos o lucro líquido referente ao exercício de 1953

DO BANCO Nacional Ultramarino recebemos o Balanço e Contas, referente ao exercício de 1953, daquele importante organismo de crédito.

No relatório inicial, refere-se a Administração ao contracto assinado por aquele Banco com o Estado, em Junho de 1953, de que resultou a compra de 20.000 das 25.000 acções preferenciais, de mil escudos cada uma, que o Estado possuía, tendo, simultaneamente, com a entrega gratuita aos accionistas de duas acções por cada uma, aumentando o Capital, que passou para 150 mil contos.

Refere-se o mesmo relatório a outra operação de transcendente importância, ocorrida no ano transacto: A transformação das Dependências do Banco no Brasil em Banco Autónomo, de nacionalidade brasileira, com sede no Rio de Janeiro. A nova organização bancária ficou a denominar-se Banco Ultramarino Brasileiro S. A. e tem um Capital de 150 milhões de cruzeiros, dos quais o Banco Nacional Ultramarino subscreveu 149.500.000.

Os lucros totais do exercício de 1953 ascenderam a 245.119.791\$00 e os encargos montaram a esc. 206.702.028\$00, sendo, portanto, de esc. 38.417.762\$00 os lucros líquidos — resultados em que se não incluem os provenientes da transformação das Dependências do Brasil em banco autónomo, que foram directamente aplicadas, na sua totalidade, na amortização da diferença entre a verba paga ao Estado para compra das suas acções e o valor nominal das mesmas. Ficaram liquidados, portanto, os resultados daquela compra no próprio exercício em que foi efectuada.

Comparando o lucro líquido obtido em 1953 com os dos dois anos anteriores, verifica-se uma diferença para mais de 6.745 contos, relativamente a 1952, e de 24.535 contos, em relação a 1951.

Os impostos pagos pelo Banco, subiram de 9.992 contos, em 1952, para 11.954 contos, em 1953.

No parecer do Conselho Fiscal, com que encerra a elegante brochura que temos presente, menciona-se que a progressão em que o Banco Nacional Ultramarino vem ascendendo, há anos, acentuou-se em 1953, não só devido à estabilização emergente do contracto assinado com o Estado, a que já aludimos, como, também, à criteriosa actuação do seu Conselho de Administração, não só no ultramar, como, também, no continente, ilhas e estrangeiro.

«CÓDIGO DA ESTRADA 1954»

ESGOTADA a primeira tiragem deste Código numa semana, acaba de sair a sua 2.ª edição, que como a anterior se apresenta em formato muito portátil. Trata-se na verdade de um livro extremamente útil, cuidadosamente revisto por Joaquim Rosendo, director do nosso prezado colega «Os Transportes» — inserindo o novo Código da Estrada integralmente, um índice ideográfico elucidativo das transgressões e multas, sinais de trânsito, etc.

O «Código da Estrada — 1954» é o único que traz a legislação não revogada e as instruções para os exames médico-sanitários dos condutores de automóveis (actuais e futuros), em vigor desde 1 de Julho do corrente.

O preço do «Código da Estrada — 1954» é de 12\$00 e encontra-se à venda nas livrarias e principais tabacarias de todo o País e Ilhas.

É distribuidora geral deste livro a Agência de Representações Cercel, Lda., R. Rodrigues Sampaio, 78-2.º — Lisboa.

Está triste?
A vida corre-lhe mal?
LEXIA
«CARA ALEGRE»
Revista de BOM HUMOR
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 45 DE CADA MÊS
Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

«CÓDIGO DA ESTRADA 1954»

MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António De 16 a 22 de Julho de 1954

TRINEIRAS

Leste	130.330\$00
Flor do Sul	108.380\$00
Maria Rosa	104.070\$00
Carmela	93.835\$00
Tufão	87.030\$00
Brisa	81.850\$00
Persistente	80.220\$00
Novo S. José	67.880\$00
Agadão	69.185\$00
Infante	62.820\$00
Sam Domingos	61.270\$00
Pinguim	59.325\$00
Norte	57.910\$00
Pérola do Guadiana	51.795\$00
Liberta	48.950\$00
Marisol	47.425\$00
Flor do Guadiana	44.370\$00
Raulito	35.475\$00
Levante	26.830\$00
Restauração	26.635\$00
Deolinda Rita	26.625\$00
Jomanel	26.515\$00
Milita	25.730\$00
Briosa	23.760\$00
Recompensa	22.025\$00
Noroeste	18.885\$00
Sr.ª da Piedade	16.590\$00
Boreal	16.080\$00
Oeste	14.600\$00
Batinha	14.485\$00
Sol Nascente	11.635\$00
Gracinha	11.070\$00
Tóluiz	10.260\$00
N. Sr.ª da Pompeia	8.905\$00
Sol	8.350\$00
Poersal	8.225\$00
Rosa do Sul	8.090\$00
Mexilhão	5.190\$00
Mmanuel Machado	3.880\$00
Alvarito	3.080\$00
Cristina Leote	2.825\$00
Costa d'Oiro	1.870\$00
Costa Azul	1.780\$00
Mameliche	1.480\$00
Total	1.639.505\$00

CÊRCOS

Amazona	101.810\$00
Portugal I	12.800\$00
Azevedos	11.190\$00
Alecrim	9.820\$00
Estrela do Sul	6.805\$00
Futuro de Olhão	3.300\$00
Total	145.600\$00

Atum da costa Algarvia

661 Atuns	615.683\$20
127 Atuarros	68.033\$40
18 Albacora	6.383\$30
1 Cachorreta	124\$20
Total	690.224\$10

AGENDA

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António de 17 a 23 de Julho:

Entrados:

MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, com adubo.

MONTEADOR, Português, de 513 ton., de Newport, com carvão.

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

MADEIRENSE, Português, com sal, para o Funchal.

MONTEADOR, Português, para o Porto, vazio.

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com enxofre.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 24 a 30 de Julho a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

HORÁRIO DE CAMIONETAS

De 1 de Agosto a 30 de Setembro, entre Vila Real e Monte Gordo:

Partidas de Vila Real — A's 8,20, 9,10, 12,15, 13,15, 17,15, 18,15, 19,15, 21,30, 22,30 e 1 hora da manhã.

Partidas de Monte Gordo — A's 8,35, 9,15, 10,30, 12,45, 13,45, 17,45, 18,45, 20,30, 22, 0 horas e 2,15.

Vila Real - Faro: As 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 e 18,30.

Vila Real - Mértola: Saída de Vila Real, às 8,30, chegada a Mértola, às 12,5 horas.

Saída de Mértola, às 17, chegada a Vila Real, às 20,30 horas.

Estas carreiras realizam-se diariamente.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum util e proveitosa publicidade.

Hóquei em Patins

Taça «Oliveira e Costa»

Nos passados dias 17 e 21, prosseguiu, com muito entusiasmo, a disputa da taça «Oliveira e Costa» que se está realizando em Faro, no Parque Lethes.

Imortal, 5 — União Farense, 1

Apesar da réplica animosa dos farense, os barlaventinos foram sempre superiores e mereceram bem o resultado final.

Os grupos alinharam:

Imortal: Gonçalves, Egídio, Helder, Frutuoso e Victor.

União: Mendonça, Vilar, Antunes, Ludgero e Máximo.

Marcaram pelos vencedores Frutuoso (3) Helder e Victor. Máximo alcançou o ponto de honra da sua equipa.

No Imortal destacaram-se Egídio e Frutuoso. No União sobressaiu a magnífica exibição de Mendonça que pode considerar-se, sem dúvida, o melhor guarda-redes do Algarve na modalidade.

A arbitragem do sr. Neves Frota foi imparcial mas os farense protestaram o jogo.

S. L. e Faro, 8 — Académico, 2

O jogo foi entusiasticamente disputado, apesar do desnível do marcador.

Os vilarealenses no primeiro tempo deram sempre boa réplica e atingiram o intervalo com a marca tágica de 2-3, que premiava o seu espírito de luta.

Na segunda parte, porém, a partida mudou muito de feição. O Académico não parecia a equipa animosa do primeiro meio tempo e os farense passaram a manobrar mais à vontade, marcando cinco tentos sem resposta.

José Maria (4), Graça (3) e Pinheiro marcaram os pontos dos vencedores. Campinas marcou os golos dos vilarealense.

As equipas alinharam:

S. L. e Faro: Farinha, Braga, Pinheiro, José Maria, Graça e Rosa.

Académico: Cílio, Ruivo, Cammas, José Luis e Pescada.

Destacaram-se no S. L. e Faro, Farinha e Braga. Campinas e Ruivo foram os melhores do Académico.

H. C. de Vila Real, 3 — Imortal, 7

Os grupos alinharam da seguinte maneira:

H. C. de V. Real: Mughós, Rola, Manuel, Coelho e Clemente.

Imortal: Gonçalves, Egídio, Helder, Frutuoso e Victor.

Os vilarealenses, não obstante a sua boa vontade, não conseguiram contrariar a força resultante da indiscutível superioridade individual e colectiva da valorosa equipa de Albufeira que alcançou mais uma expressiva e merecida vitória.

Os nossos conterrâneos, porém, souberam sempre dar luta generosa e correcta, denotando bom espírito desportivo.

No fim da terceira jornada, a classificação é a seguinte:

	B	P
Sport Lisboa e Faro	15	5
Imortal	12	4
União Farense	6	8
Académico H. C.	8	10
H. C. Vila Real	4	18

BASQUETEBOL

Cada vez o basquetebol vai criando mais popularidade no Algarve e a Federação Portuguesa da modalidade não se tem poupado a esforços para a valorizar em todo o País. Encontra-se no Algarve o categorizado técnico e professor de ginástica, sr. José Esteves, que em Olhão e Faro, tem feito interessantes palestras sobre o desporto e principalmente sobre o basquetebol.

As suas palestras tem comparecido membros de todos os clubes algarvios e muitos aficionados.

H. V.

TRESPASSA-SE em Portimão

A «Casa Ohio», por motivo de retirada, sem existência. Bom local, servindo para qualquer ramo de negócio. Casa de habitação anexa. Rua da Igreja, 39 (antiga rua dr. António Cândido) em frente ao Liceu.

Martinho Rita Bexiga

CAMIONETAS DE ALUGUER

Telef. 244 • OLHÃO

Agradece qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.



DESPORTO FUTEBOL

ÉPOCA DE 1954-55

Aproxima-se a época de futebol. As atenções dos dirigentes dos clubes desportivos algarvios convergem no sentido de novas aquisições, que virão a fortalecer as equipas, com vistas a melhoria de posição nos torneios nacionais a disputar.

O Nacional da II Divisão surge-nos com novo aspecto, com a novidade, que nos apraz registar, da entrada nele dos clubes das zonas norte e sul do País.

O Algarve estará representado pelos valorosos clubes de Olhão, Faro e Portimão.

De lamentar é apenas, que, feita esta nova modalidade no futuro campeonato, os lusitanistas da pomalina Vila Real de Santo António, que tantas tardes de glória proporcionaram ao futebol da nossa provincia, não tenham sido tomados em consideração. A sua escolha seria, sem dúvida, bem aceite, não só pelos clubes, mas também, e muito especialmente, pelo público desportista que por eles nutre sincera simpatia e amizade.

Por nossa parte, recusada de momento a sua inclusão, fiamos na esperança de vê-los, e aplaudir-los, em épocas futuras.

Em Olhão, nota-se entusiasmo e boas perspectivas. A dirigir os destinos do velho campeão de Portugal, iremos ver actuar, com a sua técnica e o seu valor profissional, o chileno Xavier Mascaró, que se propõe actuar, substituindo nas suas funções o treinador Armando Martins, que, diga-se em abono da verdade, não desmereceu das suas qualidades, enquanto lhe foi possível, numa equipa de valor médio.

A reforçar o onze olhanense temos, além dos argentinos Del Duca e Osvaldo Berdejo, e em substituição de Santiago, o seu compatriota Cesar Gomes, atleta precedido de boa fama.

Fala-se no regresso, á casa «paterna», de Eminência, por cedência do União Sport de Montemor. E apesar de não se tratar de um atleta no apogeu da sua mocidade, estamos certos de que no ambien-

te de amizade e de carinho de que sempre foi rodeado na vila cubista, a sua actuação virá a ter carácter valioso. Damos-lhe as boas vindas, formulando a nossa intenção.

Fala-se ainda nos nomes de Raposo, guarda-redes do Beja, Carlitos, africano, e Rangel, do Peniche.

O farense procura reforçar-se com a inclusão de alguns nomes conhecidos, tal como Pedro Gomes, Soares, Isaurindo, Amílcar e Camarinha, assim como os espanhóis da época passada. Como treinador ficará José Lopes que deu bastantes provas do seu valor.

O Portimonense, parece querer reduzir-se á simples fórmula do amadorismo, actuando com a praxia da casa.

A terem confirmação estas alterações nos clubes algarvios, a luta mais apertada virá a ser entre os farense e os olhanense, ambos ávidos de glória.

Herculano Valente

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

No passado dia 19 do corrente realizou-se, em Olhão, mais uma jornada do Torneio Popular de Futebol que está a terminar. Até aqui não tem havido novidades, pois, nota-se muita correcção e boa organização.

Moncarapacho, 0-União, 2; Estrela, 3-União, 0; Vasco da Gama, 2-Cuf, 0. Sport Lisboa-Versa Pinto, não jogaram.

H. V.

VENDE-SE

Um CARRO de bebé. Informa a Redacção deste jornal.

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS

ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES

DRAGAS PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS

FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO

CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.

CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO

BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREALIS

Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins

Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras

EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.

Para o seu caso consulte sempre a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C. A. L.^{da}
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

«ALMDYK»

carrega em LISBOA em 23 de AGOSTO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DALERDYK» — 10 de Agosto

«LOCH AVON» — 19 de Agosto

PARA SI

minha Senhora

NOVOS PENTEADOS

Por NOÉMIA GIL FARIA

OS CABELEIREIROS de Paris hesitam há já duas estações entre deixarem crescer os cabelos ás elegantes ou torná-los ainda mais curtos. Eles e os modistos de chapéus tiveram conferências, desenharam, criaram... mas acabaram por não se entenderem, pois, enquanto uns preconizavam os cabelos bem curtos, outros sugeriam até o uso de «postições» em caracóis, em tranças ou em artísticos carrapitos.

Agora, tudo se combinou, se resolveu. Os cabelos vão usar-se, não curtos, mas curtíssimos.

Atendendo a que na velha Europa vai principiar a época dos banhos, a moda dos cabelos curtos é acolhida entusiasticamente, pois dispensa quase totalmente os cuidados dos cabeleireiros.

Se me perguntarem a opinião sobre a nova moda, direi francamente que acho feios estes cabelos «coup de peigne». Lembrem-me irresistivelmente as cabeças das pobres pequenas dos asilos ou das senhoras convescentes de tifos mais ou menos graves.

Usam-se imenso as franjas ligeiras, em redondo, formadas por pequenos caracóis ou ainda desenhando um bico pontagudo a meio da testa.

O mais curioso, na nova moda, é a tendência para escovar os cabelos, não da testa para a nuca, mas, ao contrário, da nuca para a testa. Evidentemente, a moda descrita assim de modo tão cru parece-nos horrível. Mas, olhando os figurinos que nos chegam da capital da moda, concordamos em que talvez não seja tão feia como parece. É uma moda juvenil, que torna as cabeças delicadas, pequeninas.

Vou tentar descrever os principais modelos apresentados ultimamente pelos cabeleireiros mais famosos:

Antoine continua seguindo a linha em V, mas bastante diferente da do ano passado. Quase todos os seus penteados têm franja e seguem o grito: «da frente para trás».

Elizabeth Arden criou o «Sonho de Veneza», um penteado ligeiro com as pontas dos cabelos arqueadas para a frente, formando leves caracóis.

Carita Alexandre prefere o «minarete», com as mechas de cabelos muito curtas e penteadas para o alto num turbilhão.

Gervais apresenta penteados também muito curtos, com franjinhas ligeiramente encaracoladas.

Ivonne Grande não penteia os «seus» cabelos. Escova-os. E com uma simples escovadela transforma a cabeça numa «proa de caravela» ou numa «pluma de ave».

Antoine Salvador (espanhol ou português?) apresenta lindos penteados, muito simples, formando mecos caracóis.

Michel Kazan marcou com o «parakeet», um penteado liso, quase escorrido, apenas com as mechas sobre os dois lados do rosto ligeiramente encaracoladas.

Louis Gervais tapa as orelhas em penteados com um pouco mais de comprimento do que os dos outros cabeleireiros. Mas a meia franja lá está a dar a nota de 1954.

Nino apresenta o «flying», cabelo penteado em caracóis de forma a dar a ilusão de duas asas abertas.

Jean Clement penteia as madeixas para a frente, mas em compensação Maurice Chatham puxa-as para trás.

Alex Tonio criou penteados que lembram os das ninfas saindo do banho, parecendo que se acentua no «Eden Roc».

Georgel puxa as pequenas mechas para o rosto, num movimento muito suave.

Temos a impressão de que os cabeleireiros durante anos foram estragando os cabelos das senhoras com sucessivas permanentes e a tal ponto que já nada conseguiam deles. Pensaram agora em criar penteados que, dispensando a ondulação, permitam um repouso benéfico aos cabelos. Para estarmos á moda, basta ter a nuca rapada e os cabelos muito curtos. Depois, é ir para a frente do espelho e pentear-nos a nosso capricho, para a frente, para trás ou para os lados, com risca ou sem ela, a tapar a testa.

A economia no cabeleireiro vai ser tremenda, mas não alimentamos ilusões. Logo que a clientela se ausente dos estabelecimentos de beleza, logo outra moda surgirá, para fazer viver toda essa legião de cabeleireiros e cabeleireiras que, nascidos por volta de 1924, se têm multiplicado extraordinariamente. Hoje não há terrinha modesta de provincia sem um ou uma cabeleireira. A profissão surgiu e não acabará tão depressa. As senhoras apenas resta submetem-se passivamente a esta tirania de ano sim ano não deixarem crescer os cabelos, para logo os voltarem a cortar.

SECCÃO DE CINEMA

Por VITORIANO ROSA

«NOVO DIA»

Primeiro filme de um novo actor-realizador: ALDO FABRIZI

«Una di quel» é uma obra intrinsecamente optimista apesar da acção ser, por vezes, bastante dramática. Dois provincianos dos arredores de Roma resolvem, uma tarde, irem passar a noite a Roma e divertirem-se por lá. Alugam um velho «taxi», pequeno e carunchoso que lentamente os leva até ao centro da cidade. É noite. Uma noite horrível de inverno com chuva e trovoadas. Ficam á porta de um «cabaret» duvidoso, dessem de 4.ª ou 5.ª ordem. Depois de várias peripécias pitorescas entram e um criado indica-lhes uma mesa bastante central. Os olhos de Tóti parecem dois holofotes em campo de concentração... não há nenhum canto da sala que eles não examinem cuidadosamente. Por fim param. Poem-se pensativos. «Que terá aquela prostituta? Que nervosismo! Porque é que ela estará assim?» Filosoficamente a sua mão acaricia a monumental queixada...

E assim, pouco a pouco, a acção vai-se desenvolvendo risonhamente para, depois, vermos Tóti, angustiado, debaixo de um aguaceiro medonho, todo num pingar, ir a uma farmácia procurar um médico que vá socorrer uma criança gravemente doente. Lá vão os dois a caminho de casa. O médico (Aldo Fabrizi), fúribundo e receoso de uma pneumonia. O Tóti a pensar no amigo (Peppino de Filippo) que dorme uma soneca reconfortante num banco de pedra, á chuva, á espera que ele acabe de divertir-se. Belo divertimento! E o rosto de Tóti toma uma expressão tão triste, tão melancólica, tão desoladora que a própria noite nos parece mais alegre...

Dai a momentos lá vemos novamente Tóti, com o seu pequeno guarda-chuva aberto, dirigir-se novamente á farmácia para comprar um pouco de soro para uma injeção. O empregado, respeitavelmente, diz que já se acabou o soro. Mas que o procure noutro lado. Lá vai o pobre Tóti, amargurado e resignado, pelas ruas desertas e molhadas, fustigado pelo vento e pela chuva fortíssima a caminho de outra farmácia...

A interpretação é notável. Tóti, inúmeras vezes, fez-nos lembrar Charlot. Aquele rosto maleável, enorme, consegue transmitir-nos fielmente todos os estados de espírito, todas reacções, todas as «nuances».

Basta-lhe um trejeito de boca para aliviar a cena mais dramática que possa haver. Basta-lhe um enrugar de testa, um franzir de sobranceiras para dramatizar uma passagem alegre. É um artista enorme, um dos maiores artistas da actualidade.

Fabrizi e Peppino Filippo secundam-no admiravelmente, especialmente o segundo. (Fabrizi apenas entra numa pequena rábula, mas consegue dar-lhe um valor extraordinário). Lea Padovani no papel de uma pobre viúva com um filho menor a seu cargo, dá-nos uma interpretação concisa, natural e dramática.

«Novo Dia» é um filme que recomendamos vivamente a todos os admiradores do bom cinema.

António Macheira

O Cinema Francês - Esse Desconhecido

Desconhecido para nós, portugueses, claro está. Presentemente em Paris, 9 filmes franceses alcançaram um sucesso extraordinário. Três são estreias e os seis restantes —

reprises. De todos, o público português apenas conhece dois — e mal: *Jour de Fête* (1947) (Há festa na aldeia) que apresenta as aventuras burlescas de Jacques Tati como carteiro rural de uma simpática aldeia francesa e *O Ama de uma Mulher* (1953) de Jean Grémillon.

Ao menos prova sabermos o que os nossos olhos estão impedidos de ver, registamos aqui os seus títulos:

Les Enfants du Paradis (1944) a obra máxima da equipe Prevert-Carné, considerada uma obra-prima do cinema francês e um clássico do cinema mundial.

Le Carrefour des Enfants Perdus (1946) e *Le Defroque* (1953), que distinguiram Leo Joannon como um dos maiores realizadores modernos, sempre procurado com temas de interesse humano.

Les Fruits Sauvages (1953) de Hervé Bromberger, sobre o drama dos adolescentes desamparados que tentam «viver a sua vida» das ruínas dos arredores de Provença.

Journal d'un Cure de Campagne (1950) de Robert Boesson, um tema e uma realização notáveis pela sua audácia, contra o preconceito dos assuntos invioláveis.

Le Ble en Herbe (1953) um dos mais célebres romances de Colette, adaptado por Bost e Aurench e realizado por Claude Autant-Lara.

Monsieur Ripois (1953) prémio especial de Cannes para a realização de René Clément.

Ainda gostávamos de saber porquê estes filmes não correm nos nossos cinemas... Mas terá alguém coragem para o dizer?...

Cine-Foz

Hoje, pelas 21,30 horas, apresenta o grandioso filme italiano *Linha Branca*, com Gina Lollobrigida, Raf Vallone e Enzo Staiola. Um filme oportuno que apresenta um problema oportuníssimo... A história de uma pequena aldeia da fronteira, que alberga na sua casa a destruição, os ódios, o medo, as esperanças, os acidentes e o sentimento que de 1939 a 1945 atormentaram a humanidade!

Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos.

Quinta-feira, 29 de Julho, outro filme italiano *O pão nosso de cada dia*, com Lucia Bosé, Raf Vallone, Carla del Poggio e Máximo Girotti.

A obra prima de Giuseppe de Santis, tirada do argumento de «Três histórias proibidas», visto sob um aspecto diferente, um filme italiano como nunca se fez!

Um filme verdadeiro e poderoso como a realidade e toda a nudez da verdade das suas almas aflitas!

Espectáculo para maiores de 18 anos.

Seja Económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

Telefone 59 Apartado 3

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Visado pela Comissão de Censura

LITERATURA NACIONAL E LITERATURA UNIVERSAL

A CAMINHO DE SAGRES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tram muitas identidades com as características doutros povos e doutros homens. Um nosso camponês do Alentejo não está tão longe do camponês italiano como se pode julgar. Geograficamente, as distâncias, em literatura, nada contam. Os homens, sejam negros, brancos ou amarelos, têm problemas afins; ao escritor cumpre descobrir e aproveitar os traços comuns que unem esses homens, analisar os problemas que os dominam, as paixões que os identificam como microcosmos duma sociedade, dum grupo social. Só enveredando por esse caminho, os escritores conseguirão realizar obra válida, imprimindo-lhe interesse universal. O Sr. Mendes Leal proclama esta descoberta: «A nossa literatura é eminentemente nacional—às vezes não passa de regional—e por isso mesmo não é entendida lá fora, onde normalmente se procura ler obras de tese e de personagens bem vinculadas.» Na opinião do crítico, parece que uma obra «eminentemente nacional» nunca poderá almejar o êxito universal. Mas, obras «eminentemente nacionais» são todas as obras que conseguem transpôr não só as fronteiras do país onde viveram os seus autores, como as fronteiras do próprio tempo em que as escreveram. Torna-se evidente que a criação do artista está condicionada pela sociedade em que vive, pela atmosfera social do seu tempo. E como a nossa vida social é pobre, mesquinha, só resta aos nossos romancistas abrir falência. O Sr. Mendes Leal o diz claramente: «O nosso Alentejo e as nossas Beiras, os nossos pescadores e os nossos mineiros, também não são susceptíveis de fornecer matéria para um romance capaz de interessar um público exigente e conhecedor. Está bem para consumo interno... et encore.» Aos camponeses e pastores, nós acrescentaríamos os nossos empregados, os nossos comerciantes, toda a pequena e grande burguesia, e depois de mais uma vez verificarmos a indigência da nossa vida social, aconselharíamos todos os nossos escritores a reparar em tão triste quadro; e, pesarosos, diríamos: Amigos, tratai doutro ofício, como vêdes tudo isto não é material que vos convinha para os vossos romances! Eis a admirável descoberta do Sr. João A. Mendes Leal!

Ideias como esta conduzem fatalmente a uma tese que, não sendo já nova, se nos afigura destituída de toda a verdade. Julgo que foi o Dr. José Bacelar que, pela primeira vez, já há anos, discutiu essa ideia da inviabilidade do romance português. Encaradas certas circunstâncias que en-

volem a criação do romance nacional, parece, á primeira vista, que não possuímos grande vocação para esse género literário. Mas as apreciações apressadas conduzem a conclusões erradas. O que é um facto, é nós não possuímos uma tradição romanesca. Nesse capítulo, estamos ainda na infância. Por outro lado, nós temos estado quase divorciados do movimento literário universal. Recorde-se que só a partir do ano de 1940, ao português foi dado conhecer, através de versões nacionais, alguns dos escritores mais representativos da Inglaterra, da Finlândia, da América, e como sabemos não somos um povo de políglotas. O Sr. Mendes Leal vem agora afirmar que a vida do nosso camponês alentejano não se presta como matéria para romance. Ora, o romance é um dos géneros literários que mais liberdades oferece; impôr-lhe limitações é mutilar o seu campo de acção. A vida do camponês alentejano poderá dar um bom romance, como já deu a um Silone o camponês de Fontamara, na Itália. Aproveitando camponeses, Tolstói escreveu livros que ainda hoje são considerados obras primas. E a escritora americana Pearl Buck, prémio Nobel, escreveu uma série de romances tendo por tema o camponês da China—obras que afinal lhe deram o prestígio e a glória literária. E o que interessa ao mundo os problemas, a vida de rotineira do camponês chinês?—poderíamos nós perguntar, á semelhança do que o Sr. Mendes Leal faz em relação ao nosso camponês. A resposta é simples: porque o homem que trata a terra, seja na Itália, Egipto ou Califórnia, embora diferente em certos aspectos, apresenta características comuns, ligam-no traços que identificam toda essa gente. A «vida do nosso pobre camponês», desde que bem observada e compreendida, nas mãos dum escritor hábil e de talento, poderá dar um grande romance de interesse universal. Será que o Sr. Mendes Leal desconhece alguns belos contos do escritor Manuel da Fonseca, autênticas obras primas que não destoariam numa antologia do conto universal? Fialho, ao escrever os seus «Ceifeiros», deve á vida do camponês alentejano algumas das páginas mais fortes e viris que se encontram em toda a nossa literatura. E ainda recentemente, o sr. Dr. João Falcato, num magnífico artigo publicado na «Democracia do Sul», ao exaltar a dureza das ceifas alentejanas, considerava esse trabalho «o poema épico» escrito pelas mãos daqueles que literatos como o Sr. Mendes Leal parecem desprezar. Não, Sr. M. L., não nos empenhemos em limi-

tar o campo á literatura. A literatura palaciana já teve a sua época; hoje os homens concentram a atenção noutros interesses, e já não existe recanto social onde os escritores não penetrem, procurando analisar tudo o que se lhes afigura de primordial importância para o conhecimento do homem. Mas, toda a literatura é uma clara afirmação do que vimos expondo. Um Cesar Birotteau, de Balzac, comerciante em qualquer parte da França, com estabelecimento aberto ao público numa rua de Paris, assemelha-se profundamente a um qualquer Manuel da Costa, estabelecido na Rua do Ouro, em Lisboa. Um Rastignac, do mesmo Balzac, um figurão cínico, inescrupuloso, apreciador dos bons bocados, tem algumas afinidades com um Basílio que o nosso Eça criou. O Sr. João Mendes Leal, no entanto, não vê assim o mundo, nem as coisas literárias. Possivelmente, encontra que o nosso camponês não tem jus a entrar na literatura, e insurge-se veladamente contra o neo-realismo, não ignorando certamente que um Camilo, um Júlio Diniz, um Fialho, tinham já aproveitado esses temas, evidentemente, tratados duma maneira diferente daquela usada pelos nossos escritores modernos. Um Balzac, um Zola, também, muito antes de se falar em neo-realismo, tinham detido a sua observação nessa gente.

A literatura, interessando uma camada mais vasta das populações, empenha-se, hoje, em penetrar em todos os campos da vida social. Negamo-nos, pois, a limitar fronteiras a um género literário tão aberto e livre como é o romance. Também o Sr. Mendes Leal parece não fazer qualquer diferença entre uma literatura séria e uma literatura feita de compromissos. Um Ferreira de Castro, um Alves Redol, um Leão Penedo, um Fernando Namora, no entender do Sr. M. L., merecem a mesma apreciação duma Sara Beirão ou dum Manuel Campos Pereira. Claro que o Sr. João Mendes Leal não cita exemplos, mas englobando toda a produção nacional na qualidade de literatura para «as meninas dengosas», leva o leitor a aceitar tal absurdo. Finalmente, o Sr. Mendes Leal preconiza a literatura de tese, de ideias. Muito bem: nem outra coisa se deseja. Uma literatura sem ideias, não tem realmente direito à existência. Mas, cuidado com a interpretação que damos a essa literatura de ideias. Nós não temos grande bossa para as largas especulações filosóficas; não se vá confundir meros devaneios de literatos com uma literatura constituída de cerebralismos, á maneira de Aldous Huxley. Aliás, essa literatura exige uma tão grande soma de conhecimentos, tão hábil treino da dialéctica, que, realmente, duvidamos que tenhamos gente capaz de levar tal empresa a bom caminho. Já houve tempo que a literatura subjectiva teve grande voga no país. Entronzaram, então, Dostowiesky, e o que por aí se fez, as páldas tentativas que se esboçaram, resultaram em verdadeiros malogros. Não, não meu caro Amigo Sr. João Mendes Leal, a nossa vida não é tão pobre como a imagina, não suponha que a vida do nosso camponês da Beira ou do Alentejo não encerra muita coisa valiosa e de interesse, capaz de dar material para um bom romance.

Como sabe, nem todos os dias se escrevem obras primas, nem todos os dias os nossos escritores se podem divertir a historiar os achaques dos senhores marqueses. Aliás, meu Amigo, os marqueses, morrendo para a vida, morreram para a literatura. E não seja tão pessimista; se o escritor português nasceu para viver agarrado a uma lapa, no dizer do escritor Miguel Torga, já é um facto encorajador sabermos que a nossa literatura vai ganhando lá fora um razoável auditório. Ferreira de Castro, aproveitando os camponeses do Barroso, os tecelões da Covilhã; Fernando Namora, descrevendo os contrabandistas da Raia e os camponeses do Alentejo; Alves Redol, dando a sua atenção na vida do Ribatejo, já viram as suas obras traduzidas em diversas línguas. Nem tudo é tão negro como o diabo o pinta. De lamentar, Sr. Mendes Leal, que a sua crítica não indicasse devidamente a situação da nossa literatura e se empenhasse em lançar tanta confusão, prestando, assim, um mau serviço áquelles que desejam ser convenientemente esclarecidos. E é de lamentar, confessamos francamente, já que o Sr. Mendes Leal, em críticas anteriores, nos parecerá pessoa dotada de qualidades críticas, possuidor dum bom gosto literário, e duma prudência, que essa sua infeliz crítica veio, em parte, destruir.

Rodrigues Pena

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Além do Guerreiro, dono do automóvel, ia, ao volante, o seu criado Zé. Este criado, ao lado do patrão, era uma figura original.

Seguimos para Lagos, com ligeira paragem. Demos duas voltas a pé e logo se nos deparou um conhecido — Jerónimo Cabrita Rato, advogado e conservador do Registo Predial. Manifestou o desejo de nos acompanhar.

Cumprimentos afectuosos e o Dr. Rato, voltando-se para mim, iniciou, já dentro do carro, e gesticulando dramaticamente, este pequeno recital:

Senhor dos Passos da Graça,
Protector do Magalhães,
Livrai o pobre rapaz
Desta matilha de cães,

Lá das bandas de Tavira
Veio há tempos um Doutor,
Novo, amável, sedutor,
Como nunca ninguém vira...
Não gostava da mentira
Nem de uma simples chalaça,
Era modesto de raça,
Tinha a sua devoção,
Murmurava uma oração:
Senhor dos Passos da Graça.

Arauto da Liberdade,
Farol da Democracia,
Embrão da Monarquia,
Falso amor da Viudeza,
Pondo a palavra amizade
Na boca de todas mães,
De Tavira a Guimarães
Rvorou-se em novo Deus,
Filhinho do Mateus,
Protector do Magalhães...

Terminada a recitação, felicitou-me pelo mote e as glosas que eu dera a público recentemente.

Esses versos adquiriram uma popularidade extraordinária pela concisão e vigor em que os moldei.

A política é um visco que se pega a todos—aristocratas e democratas, cultos e incultos.

O principal visado, um bacharel em Direito, natural de Tavira, apareceu e desapareceu sem deixar saudades a amigos ou inimigos...

O fado que eu lhe cantei — um mote e quatro glosas — serviu-lhe de repouso fúnebre.

Pertenceu á fauna devoradora dos camaleões e aventureiros políticos que de tudo se servem para subir. Enveredando pela indústria, arrastou com ele o seu amigo Magalhães em uma quebra que deu brado.

Este, porém, que era bom e honesto, sacrificou os seus haveres e pagou a todos crédores.

Chegámos a Sagres por volta do meio-dia, e, á pensão do José Luiz, homem activo e acolhedor, fomos encomendar um bom almoço.

O automóvel levou-nos ao farol, e o Príncipe Russo, com os seus modos imperiais, fez o maquinismo trabalhar e a sereia soltar silvos agudos, como em dia de cerração.

Quem era, afinal, o Príncipe Russo? Muito simplesmente, o proprietário e industrial Domingos Júde Guerreiro. Tratava-o intimamente por aquele nome, e ele não se molestava.

Cheguei a aproveitá-lo como personagem central de um conto naturalista da Praia da Rocha.

Desbaratou uma fortuna em passeios a Sevilha, alimentando um culto sensual por bailarinas.

Quando estudou em Coimbra, o pai ambicionava vê-lo formado em Direito, para entrar na magistratura. Matriculou-se no primeiro ano e, em vésperas de exames, fugiu para Vigo, com uma bailarina espanhola. Nunca mais deu um passo para a frente. Rapaz

elegante e descendente de famílias finas, foi um perdulário.

Uma vez, secretário de um primo que era ministro, ainda pensei que chegaria a governador de Cabo Verde ou de Guiné.

Qual! A boémia nocturna de Lisboa acabou por arrebatar-lhe as economias e uma parte da resistência física.

Nunca soube trilhar a vida com uma pontinha da argúcia de Sancho Pança; viveu e morreu como o lendário D. Queixote de La Mancha.

Gratificou os faroleiros com a sua generosidade habitual.

Presidiu ao almoço com o garbo peculiar de um fidalgo antigo.

No final do almoço, houve animada discussão a respeito da obra marítima do Infante, com a paixão própria de um almoço ladeado de mariscos frescos e de bons vinhos...

Aproveitei o calor da disputa e saí para a rua a beber o ar puro da serra, que não passou de desculpa.

Fui ao encontro do dono da pensão para lhe pagar os almoços e alguns extraordinários que houvesse.

—«Está tudo pago» — disse-me, com desembaraço, o José Luiz.

—«Mau! Você está a brincar comigo» — repliquei.

—«Não estou. Antes de começar o almoço, o sr. Júde Guerreiro pagou toda a despesa e pediu-me reserva».

Não me contive. Fui para ele e censurei o seu procedimento. Riu-se da partida e tentou mudar o rumo ao meu desabafo.

Terminei então, profeticamente:

—«Você ri-se. Olhe que mais tarde este dinheiro deve fazer-lhe falta...»

E assim aconteceu, infelizmente, para o rico e pobre Príncipe Russo!

Marcos Algarve

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

TRÊS ANOS DE SUPREMA DIGNIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

sua histórica visita á Espanha de Franco. Foram impressionantes as homenagens civicas da Capital do Norte—o Porto—ao Presidente da República, em Maio de 1952. Guimarães e Evora secundaram e multiplicaram a mesma simpatia ao actual Chefe do Estado.

A recente visita a S. Tomé e Príncipe e a Angola impressionou vivamente a opinião pública internacional, pelo fervor com que os territórios ultramarinos revelaram, em torno da figura do General Craveiro Lopes, uma homogeneidade patriótica numa África em rebelião contra as maiores potências. Lisboa recebeu o seu Chefe do Estado numa das mais estrondosas jornadas que a nossa geração jamais contemplou.

O Chefe do Estado serve a Nação, e esta retribui-lhe o apreço pela austeridade das virtudes pessoais, pela dignidade duma conduta irrepreensível, pela conduta discreta e nobre da sua Suprema Magistratura, pela inteligência com que coordena os elementos activos da restauração portuguesa.

to Civil e, por duas vezes, as de administrador do concelho, sendo a primeira quando era ainda simples estudante da universidade. Como delegado, serviu depois nas com. de Alcácer do Sal, Montijo, Arcos de Valdevez, Loulé, e Setúbal desempenhando também nesta última, em 1925, as funções de juiz dos Lucros Ilícitos. Promovido a juiz em 1925, foi colocado na comarca de S. Vicente (Ilha da Madeira), de onde transitou para a da Galegã e depois para a de Montemor-o-Novo. Em 1929 foi, por escolha do Conselho Superior Judiciário, promovido á 2.ª classe. Colocado em Portimão, foi dessa comarca transferido, a seu pedido, para a de Olhão e depois para a de Portalegre. Promovido a 1.ª classe, em 1937, passou a servir como presidente na 2.ª varra civil de Lisboa, onde permaneceu até fins de 1944. Por reconhecimento mérito, foi então promovido a juiz-desembargador e colocado na Relação de Coimbra, transitando para a de Lisboa em Julho de 1947 e sendo, em 24-III-1954, nomeado, por escolha, juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Tem tido intervenção em várias causas célebres, quer como delegado, sobretudo nas comarcas de Montijo e Setúbal, quer como juiz, em que se distinguuiu, por exemplo, no processo da Causa Mauser, na investigação de paternidade contra os herdeiros do dr. Brito Camacho, no processo das jóias do rei D. Miguel, no da posse judicial do Coliseu dos Recreios, no da construção dos celeiros, com a Shell, etc... Numerosos artigos doutrinais seus encontram-se arquivados em várias revistas de Direito, como sejam a *Revista de Justiça*, a *Gazeta da Relação de Lisboa*, a *Justiça Portuguesa*, etc. Convidado em 1925 para director da Polícia de Investigação Criminal de Lisboa, declinou o convite por ter sido tempos antes sindicante dessa mesma policia. Foi também sindicante da Alfândega do Porto, em 1924, presidente da comissão encarregada de liquidar a questão suscitada entre a Coudelaria Militar de Alter do Chão e a Casa de Bragança e presidente de vários júris de exames na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e de concursos para delegados. Deputado pelo círculo de Setúbal na legislatura de 1925-1926, tomou parte em várias discussões sobre assuntos de ordem económica e de pesca, foi relator do projecto de lei sobre o julgamento do processo do Angola e Metrópole e autor do que deu ao castelo de Castro Marim a categoria de Monumento Nacional. Foi também, por várias vezes, director do Montepio-Geral, a cuja assembleia-geral preside (1954) e também director, presidente do Conselho Superior Regional e vice-presidente da assembleia-geral da Casa do Algarve, em Lisboa. Foi também, em 1951, membro da comissão organizadora do II Congresso Regional Algarvio.

Á sua isenção absoluta, sem ambições nem vaidades, á simplicidade do seu aprumo de português e de chefe dos portugueses, todo o país rende a mais sentida homenagem como figura que constitui o simbolo vivo da vida nacional.

Por isso, em 22 de Julho as forças vivas de Portugal manifestaram ao Presidente Craveiro Lopes a sua gratidão pelo alto exemplo que empresta a todas as famílias nacionais e ao mundo inteiro. O militar distinto, com uma larga folha de serviços, que foram dos campos de batalha até aos mais espinhosos cargos do Império Ultramarino, continua a servir a unidade nacional com uma naturalidade e uma nobreza merecedora dos encómios gerais.

E não se pode esquecer que a política de Salazar, toda ela tendente a prestigiar e a fortalecer a autoridade real do Chefe do Estado, está na base desta consagração da veneranda figura do senhor Presidente da República, a quem o país deseja uma Magistratura marcante nos anais da História de Portugal.

DIAMANTINO GOMES

AVEIRO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

feição arquitectónica. Possui um museu, em que predominam os espécimes de arte conventual e religiosa, mas reúne sobejos motivos de interesse para uma atenta e proveitosa visita, templos que, embora sem grandiosidade, constituem um património apreciável e, além do mais, a sedução que lhe dá a ampla e luminosa laguna, nesta época realçada com centenares de montes de sal.

Aveiro, com um passado milenário, com uma história que poderia representar-se por uma curva sinuosa, com marcas altas de esplendor e pontos negros de funda decadência, caminha agora num dos seus surtos de pronunciada ascensão. No século de quinhentos atingiu, em confronto com as grandes urbes nacionais, o auge da sua importância relativa. Então atingiu a ordem dos 14.000 habitantes e usufruiu os benefícios económicos do que para a época era um magnífico porto de mar. Não andava longe nessa época de grandeza de centros como o Porto ou Coimbra. Depois, em consequência das vicissitudes da barra, reagindo a espaços contra a desgraça em que ia sendo arrastada, foi declinando e definhando. Homens esclarecidos e esforços insanos, nem sempre devidamente reconhe-

cidos, vieram a reerguê-la da extrema indigência a que chegara nos fins do século XVIII. Recobrou desde há século e meio a via do progresso. Lentamente a foi trilhando, lançando passos sucessivos, mas inseguros, procurando soluções para os seus problemas. Agora, encontradas pela técnica as directrizes para o ressurgimento e a expansão do porto, e alcançadas, graças á capacidade financeira do Estado e ao seu sentido de fomento nacional, os meios de as efectivar, a cidade marcha em caminho firme, num crescendo contínuo para uma nova época de grandeza. E' manifesta a prosperidade desde já e através dela adivinha-se um porvir cheio de grandes promessas.

De algum modo parece sentir-se um designio da Providencia no facto de Aveiro, em todos os aspectos, estar atravessando uma fase de nítido progresso na altura em que começa a pensar na comemoração do seu milenário e do segundo centenário da sua elevação a cidade. Ambas as datas se celebrarão já em 1.959. E, nessa ocasião, os azevires poderão orgulhosamente mostrar a sua terra, de novo colocada numa posição de prestígio, enriquecida, aformoseada, marcada pela importância e pelos atractivos.